

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

## (DES)EDUCANDO O OLHAR: UM BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO FUNDAMENTAL II NO ENSINO DE GEOGRAFIA

SANTOS, Ueliton Ferreira dos<sup>1</sup>  
JESUS, Ivone dos Santos de<sup>2</sup>  
NASCIMENTO, Demison dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

O texto apresentado tem como objetivo narrar e analisar as experiências e vivências adquiridas no Estágio Supervisionado em Geografia - Anos Finais do Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V. Bem como tencionar algumas reflexões sobre os desafios e possibilidades que os(as) licenciando(as) enfrentam na realização do Estágio. O percurso metodológico foi realizado a partir de levantamento bibliográfico de autores(as) que tecem reflexões sobre a importância do estágio na formação docente, como: Dantas, Araújo e Fonseca (2023); Santos, Feitosa e Júnior (2023); Silva *et al* (2021); Costa (2013); Nogueira (2012) e Pimenta e Lima (2006), quem lançam reflexões sobre a necessidade de uma formação docente contextualizada e uma prática politizada. Nesse viés, utilizamos Pinheiro (2023); Lima-Payayá (2023); Miranda (2020) e Woodson (2021), que, juntos, refletem sobre a obrigatoriedade de se pensar em uma educação antirracista e diferenciada. Para concluir, entende-se que a formação docente a partir das vivências e experiências do Estágio Supervisionado em Geografia, construiu pontes com diversos mundos e conhecimentos que estão em processo de formação, as práticas exercidas contribuíram para a formação antirracista e transgressora e um olhar humanizado livre das amarras coloniais.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado em Geografia. (Des)educação do olhar. Desafios e possibilidades.

<sup>1</sup>Graduando em Geografia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB Campus V), uelitonferreira677178@outlook.com.

<sup>2</sup>Graduanda em Geografia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB Campus V), ivone182002@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduado em Geografia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB Campus V), demissonascimento@gmail.com.

Trabalho orientado pela professora Dra. Gisele das Chagas Costa. Professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DEDC X/PIEEI/LICEEI, pesquisadora do Grupo de Pesquisa GEOREDE/UNEB/Campus V.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

## 1 INTRODUÇÃO

A formação docente não é imutável, é um processo que está em constante movimentação e reorganização, compreender que o(a) professor(a) desempenha mudanças significativas na esfera social, cultural e política da sociedade é fundamental para a formação antirracista e decolonial. Por isso, é preciso pensar na pedagogia da alteridade, na formação docente contextualizada, na diversidade, possibilitando a inserção de epistemologias invisibilizadas perante o conhecimento eurocêntrico que, apesar da Lei Nº. 11.645/2008, continua enraizado na base curricular das universidades brasileiras.

Pensar na formação docente é, antes de tudo, analisar os impactos das epistemes eurocêntricas e como elas contribuem para a manutenção do racismo. O conhecimento científico, homogeneizado pelo positivismo das academias francesa e estadunidense, contribuem para a manutenção desse cenário perverso e desigual, que, a partir dos discursos subjetivos, desumaniza corpos racializados. Para o imaginário da sociedade europeia, a história das civilizações do Sul Global, começa a partir do “movimento das caravelas”, pois segundo a lógica racista, genocida e colonial, essas populações poderiam ser facilmente identificadas e classificadas dentro de um novo padrão de poder, porque não tinham “fé”, “rei” e “lei”.

Emicida (2021), um dos importantes nomes da luta antirracista no Brasil, nos provoca a refletir sobre esse cenário, a partir dos seus relatos de infância. O cantor relata que, certa vez, sua professora do primário, passou uma atividade de pesquisa sobre a origem dos seus antepassados.

No momento da apresentação, o garoto ficou constrangido diante das apresentações anteriores, por não ter visto nenhum relato dos(as) colegas de classe com descendência negra, assim como ele. Pressionado pela professora, o jovem foi convidado a apresentar a pesquisa, inicialmente, relatando sobre a sua origem negra, dizendo que possivelmente os seus antepassados tinham vindo da África,

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

imediatamente, a professora perguntou se ele tinha algum parente de “pele clara”. Nesse momento, Emicida disse à professora que a sua bisavó era branca. Em um sobressalto de alegria, a professora disse que o jovem, assim como os(as) outros(as), também tinha “sangue nobre”.

Também, em um relato de experiências, Ramos (2023) evidencia o distanciamento da formação docente pensada no diálogo da educação das relações étnico-raciais. O autor, descreve que em um processo de letramento, foi surpreendido com uma pergunta de uma professora do Ensino Médio, ao ser questionado de onde tinha vindo o povo negro(a).

Nesse contexto, quais são os(as) profissionais da educação que estão sendo formados(as) a partir da universalidade das epistemologias eurocêntricas? Como pensar uma formação antirracista que dialogue com as diversidades de saberes que são entrelaçados na sala de aula e quais são os desafios e possibilidades que os(as) licenciando(a) enfrentam na formação inicial?

Essas reflexões são o resultado da realização do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II, no curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus V. Portanto, este trabalho tem como objetivo narrar e analisar as experiências e vivências adquiridas no Estágio Supervisionado em Geografia, tecendo algumas reflexões sobre os desafios e possibilidades que os(as) licenciandos(as) enfrentam na realização do estágio.

Diante das apreciações iniciais, o Estágio foi desenvolvido em uma turma do 7º ano de uma escola municipal no município de Santo Antônio de Jesus, Ba, a partir de quatro eixos: realização de micro aulas com o supervisão e avaliação da professora responsável pelo componente; apresentação dos(as) estagiários(as) na unidade escolar, onde foi realizado o Estágio; período de observação e coparticipação e, por fim, a regência.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

## 2 BREVES REFLEXÕES: ESTÁGIO E PRÁTICA DOCENTE

Conforme aponta Dantas, Araújo e Fonseca (2023), para a formação docente, o Estágio é um dos meios de contato com a prática pedagógica e, principalmente, com a realidade escolar. Para Santos, Feitosa e Júnior (2023), o aperfeiçoamento dos(as) licenciandos(as) é constituído a partir de duas vertentes, a primeira é formada com o aprofundamento teórico associado ao ensino-aprendizagem, a segunda com a realização do Estágio Supervisionado.

Assim, o estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções. Busca-se, por meio desse exercício beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições superiores de ensino, bem como, favorecer por meio de diversos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos acadêmicos, futuros professores (Scalabrin; Molinari, p. 04, 2013).

Nesse contexto, os estágios atribuem papéis importantes para a efetivação e sistematização do conhecimento, constroem habilidades e competências que auxiliam no processo formativo do(a) licenciando(a) e proporcionam relação direta com a teoria e prática. Dialogar com a teoria e prática, de acordo com Scalabrin e Molinari (2013), é um dos grandes entraves para os cursos de licenciatura e, se esse problema não for pensado durante o percurso formativo, pode acarretar na formação de profissionais desabilitados do pensar e fazer a educação a partir das relações do cotidiano.

Diante das considerações, Pimenta e Lima (2006), lançam importantes reflexões sobre o distanciamento da teoria com a prática, devido ao esvaziamento curricular nos cursos de formação docente. Para as autoras, as disciplinas curriculares dos cursos de formação, ao se distanciar da realidade escolar, se tornam um “aglomerado de conhecimentos isolados entre si.” Nessa análise crítica,

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

Pimenta (1995) caracteriza o processo de formação docente principalmente nas décadas de 1950 a 1980, como um modelo de ensino considerado eficaz para um determinado grupo, fundamentado pela monocultura do conhecimento.

Desse modo, é preciso pensar a formação docente na perspectiva dialógica e material, uma vez que, “não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico); é preciso transformá-lo (práxis)” (Pimenta, p. 04, 1995). Segundo a autora (op. cit), pensar a partir desta perspectiva, tira do campo da subjetividade a formação docente e prospecta a prática educativa dentro da ótica política e histórica-social. Analisando a história da educação, compreendemos que sua base é fundamentada pelos interesses da classe dominante, pelo poder acumulativo do capital, material e econômico (Aranha, 2006).

Por isso, a prática docente não é um ato isolado, é intencional, responsável pela transformação e desenvolvimento social, caracterizado pela relação em um determinado espaço e, é no espaço que se constitui as relações sociais, seja de tensionamentos ou resistências (Pimenta e Lima, 2006).

A prática docente enquanto práxis política é uma das alternativas para romper com a ausência de outras formas de produção do conhecimento e desenquadrar a estrutura de pensamento universal.

Como aponta Miranda (2020), a práxis política pode ser entendida a partir da inserção das epistemologias transgressoras (conhecimento dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhas, entre outros). Assim, compreender a heterogeneidade do espaço escolar, e como a formação docente não está dissociada desses saberes, é fundamental para o exercício formativo. Mas, como pensar a prática pedagógica como práxis política na Geografia?

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

Diante do exposto, Lima-Payayá (2023) pensa o papel do movimento contracolonial na educação geográfica escolar e, segundo a autora, a alteridade é uma concepção que deve permear o saber fazer e o saber pensar de qualquer movimento educacional, cabendo a Geografia, enquanto ciência que transcende a relação física, dialogar com essas confluências no espaço escolar.

Pensar a alteridade a partir da geografia escolar requer apontar algumas possibilidades, dentro delas estão a Educação Escolar Indígena e Quilombola, juntamente com a Lei Nº. 10.639/2003 e 11.645/2008; a aplicabilidade dessas leis constrói possibilidades efetivas para uma educação diferenciada e intercultural e proporciona compreender a educação como ato dialógico e político.

Portanto, pode-se destacar a geografia como um dos importantes meios de comunicação com o pensar fazer da práxis política, ou seja, com a transformação social. No campo desse debate, Miranda (2020) e Silva (2009) atravessam a monocultura do conhecimento a partir das geografias subversivas, esse movimento humaniza saberes e conhecimentos que são colocados, a partir da perspectiva colonial, como inválidos. Lima-Payayá (2023) assevera que o sentido da alteridade constitui, portanto, na subversão das formas de opressões, seja a concepção física, constituída com o colonialismo, ou subjetiva, instaurada a partir das colonialidades.

No entanto, apesar dos avanços significativos no cenário educacional, quando comparado às décadas anteriores, alguns fatores imbricam para um diálogo plural com a educação dialógica. Conforme Vieira (2023), o distanciamento curricular com as leis citadas anteriormente, a falta de formação continuada, a nova reforma no ensino, são fatores que contribuem para a manutenção desse processo.

Contudo, cabe destacar a dialética dos povos originários na remodelagem das epistemes que norteiam o território educacional, essa mudança de perspectiva a partir do protagonismo do corpo subalternizado, é entendido por Maldonado-Torres

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

(2007) como um “giro decolonial”, a retomada das práticas e dos conhecimentos dos povos colonizados, o saber fazer e pensar da práxis política que movimenta a transformação social.

Com base nas breves reflexões desenvolvidas, tensionando a necessidade de pensar a prática docente como forma política e de transformação social, a seguir serão detalhados esses passos construídos em termos de prática do estágio, desde a preparação das microaulas até a realização do estágio na unidade escolar.

## 2.1 Caracterização do estágio

A base curricular do curso de licenciatura em Geografia, Campus V, estabelece como obrigatoriedade que o(a) licenciando(a) curse as Práticas de Ensino, que são organizadas e distribuídas do primeiro ao quarto semestre. A partir da conclusão desse eixo inicial, do quinto ao oitavo semestre, são ofertadas os componentes de Estágio; Estágio em Geografia - Espaços Não-Formais; Estágio em Geografia - Diversificado. E, em seguida, Estágio Supervisionado em Geografia - Ensino Fundamental II, Estágio Supervisionado em Geografia - Ensino Médio. Essa estrutura curricular permite que o(a) licenciando(a) tenha uma formação prática, do início ao final do curso.

O desenvolvimento do Estágio Supervisionado em Geografia - Ensino Fundamental II, iniciou a partir da realização das microaulas, nesse período, a turma do Geo VII, realizou aulas com aproximadamente 20 minutos de duração. Para a realização da aula, cada dupla elaborava um plano de aula, enfatizando um conteúdo da área geográfica que tivesse dificuldade, com o intuito de superá-la, a realizando e recebendo orientações e sugestões da docente responsável pela disciplina.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

O Estágio Supervisionado em Geografia - Ensino Fundamental II, foi realizado em uma escola municipal de Santo Antônio de Jesus, onde é ofertado, para seus quase 1.500 estudantes, o ensino regular, educação especial, além de Educação para Jovens Adultos e Idosos (EPJAI). Nesse contexto, a coordenação pedagógica apresentou as demandas que necessitariam de atenção específica, entre elas, a questão de 48 estudantes com necessidades específicas que são inseridos(as) em um processo inclusivo na sala de aula.

O período de observação e coparticipação favoreceu os primeiros contatos com uma turma de, aproximadamente, 40 estudantes. Cabe ressaltar que nos foi dito que estaríamos com uma das turmas “mais indisciplinadas” da escola. Contudo, à vista disso, por que a memória coletiva, nas narrativas que permeiam o espaço escolar, instaura o processo educativo enquanto disciplinarização do sujeito (Silva, *et al*, 2021)?

Conforme os autores (op. cit), os primeiros movimentos de métodos educativos no Brasil iniciaram após algumas décadas da invasão portuguesa, com a ideia de um povo “selvagem”, vasto de “pecados e demônios” que precisavam de “salvação”, justificando a necessidade de serem “educados”. A catequização, a partir das argumentações da autora, é entendida como o início do processo histórico da educação violenta, pois esta concepção é, em outras palavras, o primeiro modelo da educação enquanto prática de controle dos corpos, domesticação e disciplinarização do sujeito. Ainda, no campo das suas ideias, Nogueira (2012) argumenta que essas memórias reverberam nos trajetos educacionais até hoje, justamente, porque a escola não superou o modelo da monorracionalidade.

No bojo desse debate, a educação violenta pode ser entendida também pela negação da escola como espaço da memória, de saberes orgânicos e construção das identidades, o silenciamento capilarizado por normas estabelecidas; grade

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

curricular, disciplina, professor(a) como detentor do conhecimento e estudantes como sujeitos esvaziados de saberes. Essa configuração de um sistema de parâmetros e medidas; avaliação para realizar comparação a partir de um quantitativo e notas, não permite a compreensão dos conhecimentos do cotidiano, que fazem parte das subjetividades dos sujeitos sociais, inibe e desmotiva o(a) estudante (Silva, *et al*, 2021).

Diante desse pressuposto, trazemos à tona Costa (2022) com a dialogicidade da escola como espaço de memória e formação da identidade. Conforme o autor, o espaço físico e social da escola é constituído por memórias dos estudantes e professores(as) e, estas lembranças, permanecem vivas a partir de suas práticas. Isto é, a memória afetiva, adquirida no espaço escolar, pode impactar tanto positiva como negativamente na prática pedagógica do(a) professor(a), por isso a preocupação em rasurar a monorracionalidade que reverbera no discurso cotidiano dos espaços escolares (Nogueira, 2012).

Nesse contexto apostamos que as memórias, lembranças e reminiscências dos alunos que hoje são professores influenciam diretamente na sua prática docente, tendo em vista que muitos professores, apesar de já ter tido uma formação pedagógica diferenciada, reproduzem fazeres e dizeres pedagógicos e culturais dos seus professores do “tempo” em que eram alunos (Costa, p. 04, 2013).

De outro modo, “a escolarização não pode ser entendida como a busca por um “modelo” único, um elogio ingênuo da monorracionalidade” (Nogueira, p. 02, 2012). A observação e coparticipação de fato nos fizeram compactuar com as ideias do autor, e aterrissar no chão da sala de aula, confrontando com uma série de teorias que são impostas pelo modelo do currículo universal, exemplifica o conceito abordado. Segundo o autor, é preciso denegrir a estrutura curricular, no sentido ontológico da palavra, tornar-se negro, enegrecer ou pluriversalizar o currículo na

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

perspectiva dinâmica do espaço da sala de aula, ou seja, dialogar com o pensamentos diaspóricos, interculturais e epistemologias orgânicas.

A monorracionalidade é o pensamento único, universal, linear, de um sexo, uma cultura, uma história, sem horizontalização com a interculturalidade (Nogueira, 2012). É uma maneira de abordar o conhecimento sem questioná-lo, sem desenvolver reflexões e tensionamentos sobre as estruturas que estão socialmente postas. A sala de aula é o local oposto, é o espaço da diversidade, da confluência de corpos com alteridades de pensamentos. A monorracionalidade homogeniza, torna uno e categoriza a diferença; nesse contexto, denegrir ou pluriversalizar é articulado de sentidos e intencionalidades, em outros termos, é a materialização de uma prática transgressiva, capaz de romper a linearidade do pensamento da educação violenta.

Esse paradigma é entendido por Pinheiro (2023) como zona de conforto da prática docente. É cômodo seguir o modelo tradicional em que fomos educados, do que propor o rompimento desse cordão umbilical que segue sendo o cerne para novos caminhos epistêmicos. Para o enfrentamento dessa racionalidade monossêmica, a autora propõe a categoria representatividade como “pedagogias outras” (Arroyo, 2014).

Nesse sentido, a inserção da corporeidade e estética do(a) docente, traçariam caminhos e movimentações para a memória coletiva do(a) estudante, ou melhor, a representatividade da corporeidade do(a) educador(a), seja a partir dos fenótipos, ou até das marcas culturais, demarca o corpo no espaço como simbologia política e projeta como “locus da preservação e socialização da escola como espaço cultural da memória” (Costa, p. 03, 2022). Assim, a categoria de representatividade, isto é, sentir-se representado, desenvolve uma relação de afetividade e traciona a escola como local de construção das identidades dos(as) sujeitos.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

Contrapondo as narrativas preestabelecidas que refere-se a caracterização dos(as) educandos(as), o período da regência, foi entendido como a possibilidade de “(des)educação do olhar”. Esse conceito pode ser analisado a partir de Woodson (2021), conforme o autor, o modelo tradicional educativo em que fomos inseridos nos condicionou em uma visão determinista e limitada. Para o rompimento desse molde, seria necessário a (des)educação, ou seja, despir-se das referências históricas da educação e compreender as relações no espaço a partir da cosmopercepção, olhar desde os outros sentidos.

O diálogo realizado na turma foi fundamental para compreender essa dimensão, o lugar da afetividade, empatia, escuta e acolhimento. Conforme Silva, *et al* (2021) essa abordagem é vista como comunicação não violenta ou educação para a paz. Nessa ideia, estima-se que o diálogo deve ser fundamentado a partir de uma narrativa respeitosa, analisando as dimensões sociais que, possivelmente, o(a) estudante pode estar inserido e, para além, compreender que a narrativa do(a) professor(a) impacta diretamente no processo formativo do(a) discente.

Sendo assim, possuir uma comunicação não violenta no ambiente escolar, educando para a paz, caracteriza em um conceito que funciona de forma que quando um indivíduo compreende o significado dessa prática e faz parte integral desse processo, isso acaba permitindo o desenvolvimento interior dessa pessoa, proporcionando que ele tenha uma consciência mais clara e seus objetivos mais específicos, entre outros benefícios que essa educação acarreta aos indivíduos (Silva, *et al*, p. 10, 2021).

É nessa perspectiva que Costa (2022) percebe a escola e a prática docente, como centro criador de memórias, agregando valores e revitalizando os saberes vividos e praticados no cotidiano, como parte indissociável da identidade cultural dos(as) estudantes. Esse conceito vem para quebrar o paradigma cultural da sala de aula como espaço violento de construção do conhecimento, compreender a

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

comunicação não violenta é entender que o processo educacional não é homogêneo e, por isso, a necessidade de pensar em outras formas de aprender e ensinar.

Fundamentado pela perspectiva da educação não violenta, o período da regência foi marcado pela troca mútua de afetos e respeito. Dessa forma, o último contato com a turma perpassa como ato carregado de significados, o espaço da sala de aula a partir da “(des)educação do olhar”, transiciona a educação como proposta transgressora, afirmando que não é possível educar sem o tensionamento reflexivo do(a) professor(a) referente às suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, ao desenvolvermos essas considerações, percebemos que as primeiras experiências ao acessar o espaço da sala de aula, não determinam quaisquer diagnósticos quando rompemos a bolha da monorracionalidade, caracterizado na disciplinarização enquanto prática educativa do sujeito.

### 3 CONCLUSÃO

A realização do Estágio Supervisionado em Geografia – Ensino Fundamental II, foi uma vivência insubstituível para aprender que as diversidades de mundos e de saberes são fundamentais na construção da práxis docente. As aproximações com essas diversidades nos tiraram da zona de conforto e, ao mesmo tempo, nos permitiram pensar novas formas de ensino e construir pontes para ter acesso aos mundos que eram inacessíveis.

Para além disso, (des)educar o nosso olhar, nos levou para caminhos férteis e cheios de possibilidades para o ensino de Geografia. Aprendemos com o nosso cotidiano, com as narrativas que ouvimos desde a infância, e esses conhecimentos devem pedagogizar e transpassar os muros escolares. Por isso, a necessidade de se pensar em uma educação para além do modelo que estamos reproduzindo.

Esse “despertar” provocado pela experiência do Estágio Supervisionado é um chamado para pensar sobre qual o perfil de educador(a) que queremos ser. Ao

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

levantar essa questão, rememoramos o primeiro contato com a turma. O modelo de educação que fomos ensinado(as) não dialoga com outras possibilidades para a prática docente.

Essa janela de aprendizados, firmam pontes para subverter a visão determinista que é colocada sobre a educação escolar. Hoje, com o movimento das epistemologias descoloniais, podemos alcançar a “(des)educação do olhar” e rasgar o discurso colonial que fundamenta o processo educacional brasileiro. Afinal, fomos educados(as) dentro de um modelo onde não se permite pensar, apenas reproduzir o que vem sendo introjetado de “cima para baixo”, desde o processo da invasão europeia.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, M. G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COSTA, B. M. S. A escola como espaço de memórias e formação de identidade(s). Movendo Ideias. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 15, n. 34, p. 22-26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/16941>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DANTAS, C. S; ARAÚJO, A. L. S; FONSECA, A. V. Prática do Estágio Supervisionado em Geografia em Meio ao Ensino Remoto: adaptações nas metodologias de ensino para a prática de educação ambiental. *Revista Geo Conexões*, Natal, v. 3, n. 17, p. 225-242, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15019>. Acesso em: 25 jul. 2024.

DIAS, A. S; ABREU, W. F. Pedagogias e Didáticas Decoloniais: subsídios genealógicos. In: LIMA, A. R. S. et al. (Orgs.). *Pedagogias Decoloniais na Amazônia: fundamentos, pesquisas e práticas*. Curitiba: CRV, 2021.

EMICIDA. Prefácio. In: WOODSON, C. G. *A (Des)educação do Negro*. São Paulo: Edipro, 2021.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOB

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

LIMA-PAYAYÁ, Jamille da. S. Docência Payayá: educação indígena e geográfica para a alteridade. *Caderno de Geografia*, Minas, v. 33, p. 443-450, 2023. Disponível em: <https://smtpgw.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/30333>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MIRANDA, E. O. *Corpo-território e Educação Decolonial*: proposições afro-brasileiras na investigação da docência. Salvador: EDUFBA, 2020.

NOGUEIRA, R. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, Brasília, n. 18, p. 62-73, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PINHEIRO, B.C.S. *Como Ser um Educador Antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, Ceará, v. 03, n. 03 e 04, p. 05-24, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271147223NCEPCOES>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 94, p. 58-73, 1995. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/839>. Acesso em: 25 jul. 2024.

RAMOS, A. S. *Educação em Comunidades Tradicionais*. Valença-Ba, 2023. (Não publicado).

SANTOS, I. L; FEITOSA, A. C; AQUINO JÚNIOR, J. Considerações Acerca do Estágio Docência na Pós-Graduação em Geografia. *Revista Geo Conexões*, Natal, v. 03, n. 17, p. 43-59, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15019>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SILVA, J. M. Fazendo a Geografia: pluriversalidade sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, J. M. (Orgs.). *Geografias Subversivas*: discurso sobre espaço, gênero e sexualidade. Paraná: TodaPalavra, 2019.

SILVA, A. F. R; et al. Comunicação não violenta no ambiente escolar: educar para a paz. *Revista Diálogos Acadêmicos*, São Paulo, v. 05, n. 01, p. 14-25, 2021. Disponível em: <https://revista.iescamp.com.br/index.php/redai/issue/view/10>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SCALABRIN, I. C; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. *Revista Unar*, Goiás, v. 7, n. 01, p. 1-12. 2013. Disponível em: <https://evistaunar.com.br/cientifica>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TORRES, N. M. Analítica da Colonialidade e da Decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, J. B; TORRES, N. M; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

# IX ENCONTRO BAIANO DE GEOGRAFIA

23 a 26

Maio 2024

Barreiras  
Universidade Federal do  
Oeste da Bahia - UFOP

A Geografia Baiana  
em territórios de  
conflito, (in)justiças  
e (re)existências

Realização

 Associação dos  
Geógrafos  
Brasileiros  
Seção Local Santa Inês - BA

VIEIRA, R. F. *Nesse Lugar tem Aldeia: os conhecimentos tradicionais e a retomada da Identidade étnica Guerém*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade). Jequié, BA: UESB, 2023.

WOODSON, C. G. *A (Des)educação do Negro*. São Paulo: Edipro, 2021.